



UESB
UNIVERSIDADE ESTADUAL
DO SUDOESTE DA BAHIA



**XIII Colóquio Nacional
VI Colóquio Internacional
DO MUSEU PEDAGÓGICO - UESB**
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
VITÓRIA DA CONQUISTA

**15 a 18
outubro
2019**

MEMÓRIA E HISTÓRIA DAS POLÍTICAS PÚBLICAS DE SAÚDE MENTAL INFANTIL EM VITÓRIA DA CONQUISTA-BA

Marx Eduardo de Sá
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), Brasil
Endereço eletrônico: marx.sa@gmail.com

João Diógenes Ferreira dos Santos
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), Brasil
Endereço eletrônico: jdiogenes69@gmail.com

INTRODUÇÃO

O presente trabalho propõe analisar quais as memórias das pessoas em sofrimento mental atendidas pelo CAPS II e/ou outros dispositivos de saúde mental, no período da infância, bem como entender quais eram as políticas públicas e práticas de cuidado em saúde mental infantil no município de Vitória da Conquista-BA, anteriores a implantação do CAPSia¹?

O objetivo geral é delinear um estudo das políticas públicas de saúde mental infantil no município de Vitória da Conquista-BA, analisando as memórias das pessoas adultas em sofrimento mental quando tiveram seus adoecimentos psíquicos no período da infância. E como objetivos específicos, traçar a trajetória das políticas públicas de saúde mental no atendimento às crianças, mapeando as práticas de cuidado anteriores à emergência dos desdobramentos jurídicos da Reforma Psiquiátrica. Analisar os atravessamentos entre a produção de subjetividade, a memória e a relação com o Estado nas vidas destas pessoas, frente às adversidades e condições históricas de tratamento.

E, também, buscar compreender como as políticas públicas para tal demanda atravessavam parte da composição diária do devir-existir dessas pessoas, conectando-se

¹ Compete aos CAPS, a estratégia de mudança do modelo assistencialista e asilar (hospital) no que se refere ao tratamento de pessoas portadoras de transtorno mental. O CAPS faz parte dos desdobramentos da Reforma Psiquiátrica, como centros de substituição dos modelos manicomiais. Atende à demanda de adultos (CAPS II), crianças e adolescentes (CAPSia) e usuários de álcool e outras drogas (CAPS AD III). Os CAPS são serviços de saúde de caráter aberto, gratuito e comunitário, outorgados pelo Sistema Único de Saúde (SUS), em parceria com os municípios.



UESB
UNIVERSIDADE ESTADUAL
DO SUDOESTE DA BAHIA



**XIII Colóquio Nacional
VI Colóquio Internacional
DO MUSEU PEDAGÓGICO - UESB**
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
VITÓRIA DA CONQUISTA

**15 a 18
outubro
2019**

e se subjetivando no bairro, na escola, na família e na sua cidade em geral (BITENCOURT, 2009). É o esforço de entender como se subjetivam, se movem, produzem desejos e fazem vibrar seus corpos face às modulações da violência numa sociedade que só recentemente passou a se problematizar quanto ao direito de existir das crianças em sofrimento mental.

Optamos por utilizar a terminologia sofrimento mental - por ser o sofrimento - algo inerente à vida humana - e a mente - por ser composta no encontro do indivíduo com outros corpos e com os códigos culturais², afastando assim o termo doença mental comumente usado, carregado de estereótipos e discriminação.

METODOLOGIA

O referencial teórico tem como base, o pensamento de Michel Foucault (1926; 1984), **A História da Loucura no Período Clássico** (FOUCAULT, 2012), em que ele apresenta uma arqueologia que divide os loucos dos não loucos e o surgimento dos espaços asilares como condição estrutural para abrigar a loucura pelo discurso médico, jurídico e estatal do tratamento. Para examinar os documentos referentes as políticas públicas de saúde mental infantil em Vitória da Conquista, escolhemos a análise documental como técnica metodológica para contarmos parte da história da saúde e das políticas de assistência à criança em Vitória da Conquista nos séculos XX e XXI, a partir do ano de 1913, quando foi criada na cidade, a Sociedade de São Vicente de Paulo, que foi fundamental para a implantação, seis anos mais tarde, do Hospital da Santa Casa de Misericórdia de Vitória da Conquista, passando pela fundação do hospital psiquiátrico Afrânio Peixoto na década de 1960 até o seu fechamento em 2017, até a implantação do CAPS ia já no século XXI.

Como limitações, a análise documental apresenta problemas no que se refere à não-representatividade e à subjetividade dos documentos. (GIL, 1989). Além da análise documental, utilizamos como recurso, entrevistas para trazer ao trabalho a dimensão subjetiva.

² A mente é aqui entendida como uma construção social. “A infância não é uma fase biológica da vida, mas uma construção cultural e histórica” (LEITE, 1997, p. 21).



UESB
UNIVERSIDADE ESTADUAL
DO SUDOESTE DA BAHIA



**XIII Colóquio Nacional
VI Colóquio Internacional
DO MUSEU PEDAGÓGICO - UESB**
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
VITÓRIA DA CONQUISTA

**15 a 18
outubro
2019**

Foram entrevistadas cinco mulheres adultas. Não fizemos escolhas categóricas quanto as questões de gênero e/ou diagnóstico, com a exceção de transtornos psíquicos ou orgânicos severos que comprometessem a fala e/ou a memória. A condição necessária para as entrevistas, era que fossem pessoas adultas, tivessem o processo do adoecimento psíquico ainda na infância e que não passaram pelo atendimento do CAPSia

Para fundamentar a análise das entrevistas, busquei a análise de conteúdo em Bardin (2011), Minayo (2011) e Franco (2005), em que concordamos que a fala das entrevistadas é uma espécie de “[...] encenação livre daquilo que esta pessoa viveu, sentiu e pensou a propósito de alguma coisa. A subjetividade está muito presente [...]” (BARDIN, 2011, p. 93). Para Minayo (2011), a análise de conteúdo como técnica qualitativa, “parte de uma literatura de primeiro plano para atingir um nível mais aprofundado [...] busca ultrapassar o alcance meramente descritivo manifesto da mensagem” (MINAYO, 2011, p 23). A escolha por este método, é que a análise de conteúdo leva em conta a complexidade que envolve a interação entre o entrevista e entrevistador, o contexto social de sua produção, influência ideológica e idealizada presentes em muitas mensagens, as condições históricas, sociais, mutáveis que influenciam crenças e conceitos, transmitidas via mensagens, discursos e enunciados (FRANCO, 2005).

Utilizamos como fundamentação teórica para a discussão da memória, *Memória Coletiva* em Halbwachs (2017), *Memória Social* em Fentress e Wickham (1992), articulando com *Matéria e Memória* em Bergson (2011), para darmos conta das dimensões coletivas, sociais e individuais da memória.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Em Vitória da Conquista, o primeiro CAPS³ foi inaugurado em 14 de setembro de 2002, ou seja, um ano e cinco meses após a aprovação da lei federal 10.216/2001. O CAPS II foi implantado para atender a população maior de 18 anos em sofrimento mental grave e persistente. As crianças e adolescentes amargariam 9 anos sem atendimento

³ CAPS II, destinado à adultos com transtornos mentais.



UESB
UNIVERSIDADE ESTADUAL
DO SUDOESTE DA BAHIA



**XIII Colóquio Nacional
VI Colóquio Internacional
DO MUSEU PEDAGÓGICO - UESB**
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
VITÓRIA DA CONQUISTA

**15 a 18
outubro
2019**

público específico para o sofrimento mental, até ser implantado em 11 de dezembro de 2011, o CAPS ia, especializado no atendimento infanto-juvenil. Percebemos, sobretudo, as consequências da extemporaneidade das políticas públicas de saúde mental infantil, durante as entrevistas, em que as narrativas salientaram as dificuldades de atendimentos especializados destinados à infância.

As entrevistas produziram um rico material de histórias de vida, de contextos socioculturais e políticos diversos, que produziram diferenças e semelhanças nas comparações acerca dos temas abordados, possibilitando que ampliássemos as discussões entre memória e as políticas públicas de saúde mental infantil em Vitória da Conquista. O que mudou na vida dessas pessoas após serem acompanhadas para tratamento especializado? E como era ser criança com sofrimento mental? As respostas emergiram carregadas de memórias que se opõem ao esquecimento das dores de experimentar uma infância marcada pelo sofrimento psíquico e social.

Apesar de termos muitas diferenças entre as narrativas, contextos sociais e econômicos distintos, singularidades, significantes acerca dos seus diagnósticos, alguns pontos em comum nos chamam atenção, no que se refere ao não tratamento especializado dos sofrimentos mentais quando eram crianças, quando os primeiros sintomas psíquicos surgiram. Todas elas, carregam memórias de um modo de vida na fase infantil marcada por marcas não só pelas dificuldades causadas pelo sofrimento mental e história de vida, mas pela violência do Estado. Pela ausência de políticas especializadas. Pela demora histórica em reconhecer a infância, como uma fase de produção de vida, de pensamento e de subjetividade da criança que sempre somos, uma vez que o passado sempre encontra um jeito de se atualizar no presente.

CONCLUSÕES

Existe uma invenção de modos de existência da infância. Uma infância capturada por sistemas de dominação e de uma cultura que nega a infância como fase afirmativa e potente do desenvolvimento humano. Na verdade, uma cultura que nega a vida e o que ela pode. Ao nascer, o bebê não sabe ainda dos códigos culturais, como amor, ódio, feio e belo, negro e branco, pênis e vagina, bem e mal, assim como o tempo cronológico. São

DISTOPIA, BARBÁRIE E CONTRAOFENSIVAS NO MUNDO CONTEMPORÂNEO



UESB
UNIVERSIDADE ESTADUAL
DO SUDOESTE DA BAHIA



**XIII Colóquio Nacional
VI Colóquio Internacional
DO MUSEU PEDAGÓGICO - UESB**
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
VITÓRIA DA CONQUISTA

**15 a 18
outubro
2019**

todos valores criados e diversamente internalizados pelas culturas e singularidades dos sujeitos. Não há razão para um valor de verdade universal que não seja criado por algum interesse em determinado momento da história. Uma verdade universal surge para negar outras verdades. Uma verdade é criada para sobrepor outra verdade. Ainda que no discurso, na tentativa de imposição de um saber sobre outro. Essa é a lógica que alimenta o Poder Psiquiátrico, tendo em vista que se trata de um saber oficial a cerca de um conjunto de sintomas que passa a ser patológico ou normal, por vias de regras e normas universais e não subjetivas. Desaparece o sujeito. Emerge o diagnóstico psiquiátrico.

A partir do diagnóstico, o sujeito perde a verdade sobre seu próprio corpo e sua subjetividade é capturada por um saber oficial que o classifica em categorias comportamentais e sintomatológicas e insere a sua existência numa espécie de “destino”, determina o presente e o futuro dentro de um tratamento que o mantém com movimentos e singularidades minimizados. Uma espécie de *essência da loucura*, como se todo adoecimento psíquico levasse o sujeito a uma equação definida. “A loucura foi colocada fora do domínio no qual o sujeito detém seus direitos à verdade: domínio este, para o pensamento clássico, é a própria razão. Doravante, a loucura está exilada” (FOUCAULT, 2012, p.47).

Destarte, a criança louca, é tida como uma desmaliciosa existência destinada ao fracasso social, intelectual e ao mesmo tempo, isolada e excluída de exercer a força vital que produz o entendimento sobre si mesma: o pensamento. “Vai-se continuar, portanto a fazer valer, para esse doente, fonte de lucro, o princípio do isolamento” (FOUCAULT, 2006, p. 140). Ou seja, a loucura infantil passa a ser espólio de um saber oficial e a criança louca passa a não ter a verdade sobre si, transfigura-se à uma categoria sintomatológica.

PALAVRAS-CHAVE: Saúde Mental Infantil; Memória; Políticas Públicas.

REFERÊNCIA

BARDIN, Lawrence. *Análise de Conteúdo*. São Paulo: Edições 70, 2001.

BERGSON, Henry. *Matéria e Memória*: Ensaio sobre a relação do corpo com o espírito. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011.



UESB
UNIVERSIDADE ESTADUAL
DO SUDOESTE DA BAHIA



**XIII Colóquio Nacional
VI Colóquio Internacional
DO MUSEU PEDAGÓGICO - UESB**
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
VITÓRIA DA CONQUISTA

**15 a 18
outubro
2019**

BITENCOURT, Kueyla de Andrade. *Passando dos limites: Processos de Subjetivação de Alunos em Situação de Risco*. Dissertação de Mestrado. Salvador, 2009.

FENTRESS, James; WICKHAM, Chris. *Memória Social*. Lisboa: Editorial Teorema, LTDA, 1992.

FOUCAULT, Michel. *História da Loucura: na idade clássica*. São Paulo: Perspectiva, 2012.

_____. *O Poder Psiquiátrico*. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

FRANCO, Maria Laura P. B. *Análise do Conteúdo*. Brasília: Líber Livro Editora, 2005.

GIL, A. C. *Como Elaborar um Projeto de Pesquisa*. 3. ed. São Paulo: Editora Atlas, 1989.

HALBWACHS, Maurice. *A Memória Coletiva*. São Paulo: Centauro, 2017.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). *Pesquisa Social. Teoria, método e criatividade*. 18 ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

LEITE, Miriam L. Moreira. *A infância no século XIX segundo memórias e livros de viagem*. In: FREITAS, Marcos Cezar de. *História Social da Infância no Brasil*. Org. Marcos Cezar de Freitas. São Paulo: Cortez, 2003.

DISTOPIA, BARBÁRIE E CONTRAOFENSIVAS NO MUNDO CONTEMPORÂNEO